

Ia calado. Foi todo o caminho a olhar pela janela do carro. Dois adultos no banco da frente falavam discretamente, cochichando. Se ele quisesse, podia ouvir, mas não quis. Por instantes, na zona da estrada onde o rio por vezes transbordava, ouviu água a espirrar sob as rodas. Entraram no Forte e o carro deslizou silenciosamente pela frente dos Correios e da torre do relógio. A esta hora da noite quase não havia trânsito em Colombo. Seguiram pela Reclamation Road, passaram pela St. Anthony's Church, e depois disso viu as últimas barracas de comida, cada uma delas iluminada por uma simples lâmpada. Entraram então num amplo espaço aberto que era o porto, com uma única fila de luzes à distância, ao longo do molhe. Ele saiu e parou perto do calor do carro.

Ouvia os cães vadios que viviam nos cais a ladrar no escuro. Quase tudo à sua volta era invisível, exceto o que se podia ver à luz de umas escassas lâmpadas de enxofre — estivadores puxando uma procissão de vagões de bagagens, algumas famílias aglomeradas num ponto. Começaram todos a dirigir-se para o navio.

Tinha onze anos nessa noite em que, verde como era ainda a respeito do mundo, subiu para bordo do primeiro e único navio da sua vida. Parecia que uma cidade fora acrescentada à costa, mais bem iluminada do que qualquer vila ou aldeia. Subiu a rampa do portaló, olhando apenas para onde punha os pés — à sua frente nada existia —, e continuou, até encarar com o porto e o mar escuros. Havia silhuetas de outros barcos ao largo, que co-

meçavam a acender as luzes. Ali ficou sozinho, absorvendo todos os cheiros, e depois voltou, atravessando o ruído e a multidão, para o lado virado para terra. Um clarão amarelo sobre a cidade. Já era perceptível que existia uma parede entre ele e o que lá se passava. Assistentes de bordo começaram a servir comida e sumos de fruta. Comeu várias sanduíches e a seguir desceu para o seu camarote, despiu-se e enfiou-se no estreito beliche. Nunca tinha dormido debaixo de um cobertor, a não ser uma vez em Nuwara Eliya. Estava bem acordado. O camarote ficava abaixo do nível das ondas, por isso não tinha vigia. Encontrou um interruptor ao lado da cama e, quando o pressionou, a cabeça e a almofada ficaram de repente iluminadas por um cone de luz.

Não voltou ao convés para um último olhar, ou para fazer adeus aos familiares que o levaram ao porto. Ouvia cantar e imaginava a lenta e depois ansiosa separação das famílias, que tinha lugar no vibrante ar noturno. Não sei, ainda hoje, porque preferiu ele aquela solidão. Quem o foi levar até ao *Oronsay* já se teria ido embora? Nos filmes as pessoas separam-se umas das outras a chorar, e enquanto o barco se afasta de terra os que partem não desviam os olhos dos rostos que se vão dissipando, até que se torna impossível distingui-los.

Tento imaginar quem era o rapaz que ia no navio. Talvez a noção do eu nem esteja presente na sua quietude nervosa no estreito beliche, nesse gafanhoto verde ou pequeno grilo, como se tivesse sido despachado acidentalmente para o futuro sem ter conhecimento do ato.

Acordou ao som de passageiros a correr pelo corredor. Vestiu-se de novo e saiu do camarote. Passava-se alguma coisa. Gritos ébrios enchiam a noite, proferidos por oficiais. No meio do convés B, marinheiros tentavam apanhar o piloto da barra. Depois de guiar o navio meticulosamente para fora do porto (havia muitos rumos a evitar, devido a ruínas submersas e a um antigo quebramar), bebera de mais para festejar a proeza. Agora, aparentemente, não queria de modo nenhum ir-se embora. Por enquanto,

não. Talvez mais uma hora ou duas no navio. Mas o *Oronsay* estava ansioso para partir ao bater da meia-noite e o rebocador do piloto esperava-o na linha de água. A tripulação já lutara para o forçar a descer a escada de corda, mas como havia o perigo de ele cair e morrer, agora estavam a capturá-lo com uma rede, como um peixe, e foi dessa forma que o desceram em segurança. O episódio pareceu não ter nada de embaraçoso para o homem, mas foi-o claramente para os oficiais da Orient Line que se encontravam na ponte de comando furiosos, com as suas fardas brancas. Os passageiros aplaudiram quando o rebocador se afastou. Tudo o que se ouvia era o som do motor a dois tempos e a cantoria monótona do piloto, enquanto o rebocador desaparecia na noite.

## *Partida*

O que houvera na minha vida antes deste navio? Uma canoa feita de um tronco de árvore num percurso fluvial? Uma lancha no porto de Trincomalee? Havia sempre barcos de pesca no nosso horizonte. Mas eu nunca podia ter imaginado a grandeza deste castelo que ia atravessar o mar. As viagens mais longas que fizera tinham sido de carro para Nuwara Eliya e Horton Plains, e de comboio para Jaffna, com partida às sete da manhã e chegada ao destino ao final da tarde. Fazíamos essa viagem com as nossas sanduíches de ovo, alguns *thalagulies*, um baralho de cartas e uma pequena aventura da série *Boy's Own*.

Mas agora tinham resolvido que eu viajaria para Inglaterra de barco, e que faria a viagem sozinho. Ninguém mencionou que isso poderia ser uma experiência fora do comum, nem que podia ser empolgante ou perigosa, por isso não a encarei com alegria nem com medo. Ninguém me preveniu de que o navio teria sete pisos, levaria mais de seiscentas pessoas incluindo um comandante, nove cozinheiros, engenheiros de máquinas, um veterinário, e que disporia de uma pequena cadeia e de piscinas com cloro, que de facto navegariam connosco através de dois oceanos. A data de partida foi assinalada casualmente no calendário pela minha tia, que informara a escola de que eu sairia no final do período. O facto de eu andar no mar durante vinte e um dias foi referido como se não significasse grande coisa, por isso fiquei surpreendido por os meus familiares se terem dado ao trabalho de me acompanhar

até ao porto. Partira do princípio de que apanharia um autocarro sozinho e mudaria para outro em Borella Junction.

Houvera uma única tentativa de me inteirar das circunstâncias da viagem. Uma senhora chamada Flavia Prins, cujo marido conhecia o meu tio, ia por acaso fazer a mesma viagem, e uma tarde foi convidada para o lanche, para se encontrar comigo. Faria a viagem em primeira classe, mas prometeu que olharia por mim. Apertei-lhe a mão com cuidado, pois estava coberta de anéis e braceletes, e ela depois virou-se para o outro lado para prosseguir a conversa que eu interrompera. Passei a maior parte dessa hora a ouvir o que diziam alguns tios e a contar quantas daquelas sanduíches bem apresentadas eles comeram.

No meu último dia encontrei uma caderneta de exames escolares por preencher, um lápis, um afia-lápis e um mapa-mundo decalcado, e meti-os na minha pequena mala de viagem. Fui lá fora dizer adeus ao gerador e desenterrei os bocados do rádio que uma vez desmanchei e, como não fui capaz de os juntar de novo, enterrei-os debaixo do relvado. Disse adeus a Narayan e adeus a Gunepala.

Quando entrei no carro, explicaram-me que depois de atravessar o oceano Índico e o Mar Árábico e o Mar Vermelho, e de ter passado, através do Canal de Suez, para o Mediterrâneo, uma manhã chegaria a um pequeno cais em Inglaterra e a minha mãe estaria lá à minha espera. Não era a magia nem o tamanho da viagem que me preocupavam, mas aquele pormenor de como é que a minha mãe podia saber exatamente quando é que eu chegaria a esse outro país.

E se ela lá estaria.